

Para uma História das Eleições Presidenciais de 1949 e 1958 na Vila de Fafe

Daniel Bastos*

- *Se a eleição fosse um plebiscito, eu tenho a convicção de que a grande maioria votaria no Sr. General Norton de Matos.*

Major Miguel Ferreira
In Jornal «O Diário Popular»
de 28 de Janeiro de 1949

- *Façam eleições livres e venceremos.*

Humberto Delgado
In «O Comércio do Porto»
de 15 de Maio de 1958.

I- Considerações preliminares

A vila de Fafe desempenhou no panorama das Eleições Presidenciais de 1949 e 1958 um papel ordinário na campanha contra o regime salazarista. No entanto, figuras proeminentes do nosso concelho, militaram na oposição, em prole de ideais democráticos, sendo «(...) necessário que o leitor tenha sempre presente que toda esta actividade não se fazia «de graça». Pagava-se caro em prisões e perseguições diversas, nomeadamente a de tirarem o pão da boca dos adversários, expulsando-os dos empregos públicos e dos privados.»¹

Tais personagens, desempenharam um papel activo, no desenrolar das campanhas do General Norton de Matos e do General Humberto

* Actualmente é docente da Escola Profissional das Minas da Borralha.

¹ J. Santos Simões, “De uma carta de Lino Lima para J. Santo Simões”, *Braga, Grito de Liberdade-História possível de meio século de resistência*, Braga, Governo Civil de Braga, , 1999, s.p.

Delgado em Fafe. Existiu, mesmo quem extravasa-se os seus horizontes políticos além concelho, como o afamado Major Miguel Ferreira, que foi presidente da Comissão Distrital de Braga, da candidatura do General Norton de Matos e primeiro subscritor do documento da Oposição *Aos Portugueses*.

Do mesmo modo, o aparelho situacionista na vila de Fafe, desencadeou uma série de movimentações políticas, sobressaindo a candidatura presidencial do Marechal Carmona, na qual participaram significativas individualidades políticas regionais.

Consequentemente, o objectivo deste trabalho, é dar a conhecer, de forma concisa e integérrima, importantes aspectos da história política mais recente do nosso município, tendo como pano de fundo as eleições em epígrafe, os factos daí decorrentes e as pessoas que intervieram no processo político.

O estado da arte, neste campo historiográfico, está relativamente desenvolvido no distrito de Braga, como indiciam os trabalhos hodiernos de J. Santos Simões (*Braga, Grito de Liberdade- História possível de meio século de resistência*) e Iva Delgado (*Braga Cidade Proibida- Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958*).

Com o intuito, de restabelecer o jogo dos diversos elementos, foram privilegiadas fontes locais (jornais e memórias) e fontes eleitorais (actas do apuramento eleitoral).

Consequentemente este artigo, assenta em quatro pontos cardinais, que enformam o âmago desta investigação: a análise da Candidatura Presidencial do General Norton de Matos em Fafe(1949), tal como, a Candidatura Presidencial do Marechal Carmona(1949), assim como a Candidatura Presidencial do General Humberto Delgado(1958) e os

respectivos resultados eleitorais da eleição presidencial de 1958 na antiga Vila de Fafe.

II- A Candidatura Presidencial do General Norton de Matos em Fafe (1949);

A vitória dos aliados na 2ª. Guerra Mundial, e o conseqüente desmantelamento dos estados totalitários, criou alguma expectativa em torno da Oposição Democrática Portuguesa, aquando das eleições presidenciais de Fevereiro de 1949, além de que (...)

na comissão central da União Nacional e no Conselho de Ministros, só relutantemente se vai para a candidatura do velho marechal Carmona, demasiado comprometido com a acção conspiratória de 1944 e já sem vigor físico para fazer uma campanha que promete ser movimentada, face ao último assomo das hostes oposicionistas, que apresentam o general Norton de Matos ao sufrágio².

A apresentação da candidatura a nível nacional, do candidato oposicionista é efectuada a 9 de Julho de 1948, em Fafe, num artigo do jornal *O Desforço – Campanha Eleitoral* –, de 20 Janeiro de 1949, lê-se:

Encontra-se Portugal num período de natural agitação política, por causa da próxima eleição Presidencial. Um coisa sobremaneira nos interessa: é o desejo de que Portugal saia da luta altamente prestigiado e que as eleições representem a vontade do Povo, para a tranquilidade, para a paz, para a ordem - para o bem comum nacional – em suma.

*Sim – pensamo-lo nós – ambos os candidatos oferecem garantias para tal fim, pois de patriotismo, de grande amor este Portugal de honrosas tradições como descobridor arrojado e intemerato, teem dado provas Suas Ex^{as} os Senhores **General Norton de Matos e Marechal Carmona** – figuras distintas e dignas dos maiores respetos pelo seu reconhecido civismo.*

O nosso maior desejo é que a eleição Presidencial decorra com calma, com elevação cívica, livremente – com viva fé nos altos destinos da Pátria livre – para honra nossa perante o estrangeiro -.

*

A propaganda, quer por parte do Governo, quer da oposição, chega a todos os cantos do País, animada e ordeiramente,- e não há que levar a mal que os contentadores exponham as suas doutrinas – para conseguirem um a sua vitória nas urnas. Desde Cinco de Outubro de 1910, não há memória de uma luta tão viva e que desperta tanto interesse, como esta que a candidatura Oposicionista á Presidência da República do Sr. General Norton de Matos.

No mesmo artigo é ainda referido:

(...)

² “História de Portugal”, vol. III, dir. de José Mattoso, p.p.407;

A Comissão Concelhia dos Serviços de Candidatura Presidencial do Sr. General Norton de Matos, é formada pelos ilustres cidadãos:

Dr. Alexandre de Freitas Ribeiro, Advogado; Fernando Summavielle Soares, Engenheiro; António Augusto da Silva Saldanha, proprietário; Albano Alves Ferreira, proprietário; e Angelino Teixeira Basto, comerciante.

Vai ser pedida autorização para se efectuar uma sessão de propaganda democrática no Teatro –Cinema, no próximo dia 30 do corrente, pelas 15 horas, devendo ser oradores, entre outros, os Srs. Coronel Hélder Ribeiro, o Capitão Pina de Moraes, dr. Olívio França, dr. Azevedo Antas e Amílcar Castilho.

Com efeito, a campanha concelhia do general Norton de Matos na Vila de Fafe, correu com enorme entusiasmo, para além dos nomes anteriormente mencionados no artigo, eram ainda membros ou elementos activos da Comissão Concelhia oposicionista: o Major Miguel Ferreira, presidente da Comissão Distrital de Braga, da candidatura do general Norton de Matos, o Dr. Maximino de Matos, a Dr.^a Maria Miquelina Matos Summavielle, o Dr. José Graça, o Dr. Fernando Simões, o arquitecto Elísio Summavielle, o sr. João Summavielle, o Dr. Eduardo Balha, o engenheiro Fernando Summavielle, entre muitos outros, sendo estes os que foram aparecendo frequentemente no decorrer desta pesquisa.

No dia 21 de Janeiro, do ano em causa, mas no *Comércio de Guimarães*, eram esclarecidos os hipotéticos eleitores acerca do Direito de Voto:

Para a eleição presidencial, a realizar-se no dia 13 de Fevereiro próximo, têm voto os eleitores recenseados, do sexo masculino, maiores ou emancipados que saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos, quantia não inferior a 100\$00, de contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.

As mulheres que tiverem o curso geral dos liceus, o curso de magistério, o curso das escolas de belas artes, o curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto, o curso dos institutos comerciais ou industriais, e as que, sendo chefes de família, sejam maiores, saibam ler e escrever, ou paguem ao Estado a contribuição acima.

Consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciada, ou solteiras, que vivam inteiramente sobre si.

Igualmente têm voto as mulheres que, sendo casadas, saibam ler e escrever e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

Não são eleitores: os que estejam no gozo dos seus direitos cívicos e políticos; os interditos; os falidos ou insolventes enquanto não forem reabilitados; os pronunciados e os que tiverem sido condenados, enquanto não tiver expiado a pena; os indigentes ou internados em asilos, os que, por casamento ou naturalização, tenham adquirido a nacionalidade portuguesa há menos de cinco anos; os que professem ideias contrárias de Portugal como Estado independente e á disciplina social, e os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Com o decorrer da propaganda eleitoral, foram-se realizando inúmeras reuniões políticas, quer por parte do governo como da oposição: *Uma das mais importantes (...) segundo relatam os diários, foi a da Capital do Norte, verificada no Domingo (...) á qual presidiu o candidato da Oposição Sr. General Norton de Matos, onde (...) afirmou:-«Com a minha candidatura desejo expulsar das vossas almas o medo, para que nelas possa entrar a liberdade e todo o bem que ela trás consigo».*³

Na Vila de Fafe a sessão de propaganda, da candidatura oposicionista, que estava marcada para dia 30 de Janeiro, só foi autorizada para o dia 6 do mês de Fevereiro, por motivos que não foram possíveis esclarecer.

O jornal « O Desforço» de 10 de Fevereiro, referiu-se naturalmente a esta sessão de propaganda, promovida pela Comissão Concelhia dos Serviços da Candidatura Presidencial do General Norton de Matos:

A sala belamente decorada pelas ilustre senhora da respeitada família Summavielle Soares, tinha um tom elegante,- muitas bandeiras republicanas, legendas de Liberdade e Democracia, flores, etc. O palco destacava-se pela artística disposição da Bandeira Nacional e pelo retrato de grande dimensões do Sr. General Norton de Matos.

Os camarotes, a plateia e o geral, estavam repletos. Muitas dezenas de senhoras tomavam assento nos camarotes e na plateia.

³ In o jornal «O Desforço», 27 de Janeiro de 1949;

A sessão foi presidida pelo antigo deputado e combatente da Grande Guerra Sr. Major Miguel Ferreira, ladeado pelos Srs. dr. Maximino de Matos, dr. Mariano Felgueiras, dr. Alexandre de Freitas Ribeiro, dr^a Maria D. Maria Miquelina de Matos Summavielle, dr. José Graça, padre Francisco de Almeida, de Terras de Bouro e dr. Fernando Simões. Estavam presentes, no palco, os srs. coronel Hélder Ribeiro, o capitão Pina de Moraes, dr. Olívio França, Bento L. Dias, architecto Elísio Summavielle, Angelino Teixeira Basto, etc., alguns que do Porto e de outras terras se haviam deslocado, para fazerem uso da palavra.

No mesmo artigo refere-se:

Antes de começar a sessão, a assistência ouviu, de pé, a «Portuguesa». Às 15 horas a presidência abriu a sessão, sendo ela a primeira a usar da palavra. Saudou as autoridades e a assistência, disse que era com emoção que se encontrava ali a representar o candidato da Oposição, do qual faz o elogio em calorosos termos, lembrando a sua acção como Ministro da Guerra, embaixador em Londres e Alto Comissário de Angola, onde foi um precioso colaborador das Missões, que sempre protegeu.

«É um cidadão- acrescentou- em que os liberais portugueses depositam as maiores esperanças».

Elogia as qualidades das gentes de Fafe- faz referência ás suas virtudes e ao seu amor ao progresso e ao trabalho, declarando que nada tem abalado as suas convicções liberais e democráticas.

Recordou por fim o que Fafe deve á Câmara da presidência do firme republicano sr. dr. José Summavielle, afirmando:

«Estamos aqui sem ódios nem malquerenças, apenas para combater ideias, desempenhando o papel de opositoristas.»

No decorrer da sessão foram ainda lidos três telegramas de saudação do general Norton de Matos, do Dr. Ruy Luís Gomes e Manuel de Sousa Lopes. Saliente-se ainda, a referência jornalística ás intervenções do Dr. Maximino de Matos e a Dr^a. Maria Miquelina Summavielle:

Falou a seguir o antigo deputado e reputado médico sr. dr. Maximino de Matos, director clínico do Hospital, que, após saudar o sr. presidente, saudou a senhoras presentes que, sentenciosas e raciocinadoras, ali vieram dar a sua solidariedade á

democracia e que, na sua firmeza de convicções, teem sabido acompanhar em todos os momentos, altivas e intransigentes, seus pais, maridos ou filhos.

Aludindo á presença dos monárquicos na próxima eleição, tratou do caso religioso e fez considerações de ordem vária a propósito do momento político que se atravessa. E rematou: «Uma pátria só pode ser bela e forte, quando servida por todos os seus filhos em Amor e Liberdade».

Depois falou a sr.^a. dr.^a. D. Maria Miquelina M. de Matos Summavielle, que sauda as mulheres de Fafe que se encontram nas fileiras da Oposição. Faz a exaltação da Mulher perante os contratempos que a vida lhe depara e que ela tem sabido suportar.

Todos os oradores foram recebidos com palmas, interrompidos pela assistência com aclamações entusiastas- muito aplaudidos.

Eram 15 horas e 30 quando, no meio de aclamações á Pátria, á República, á Liberdade, á Democracia e ao Sr. General Norton de Matos, a sessão foi encerrada.

O público depois de entoar a portuguesa, debandou ordeiramente.

No culminar da reunião política, foram enviados dois telegramas ao general Norton de Matos, por parte do major Miguel Ferreira e Dr.^a. Maria Miquelina Summavielle, respectivamente:

Mesa que presidiu Sessão Propaganda Candidatura Vossa Excelência Presidência República agradece telegrama recebido e comunica nome Vossa Excelência foi calorosamente saudado mesma sessão.⁴

Senhoras presentes Sessão Propaganda Candidatura Vossa Excelência Presidência República enviam Vossa Excelência suas saudações e afirmam sua mais entusiástica colaboração.⁵

Tendo o general Norton de Matos, enviado um telegrama á Dr.^a. Maria Miquelina Summavielle:

⁴ In jornal «O Desforço», 10 de Fevereiro, de 1949;

⁵ Ar. Cit.;

*Na pessoa vossa Excelência agradeço sensibilizado saudações que me enviaram telegrama ontem ponto. Meus cumprimentos.*⁶

Embora, um pouco por todo o país, se tenham realizado ardorosas sessões de propaganda, como a de Fafe, o general Norton de Matos, após incessantes pedidos ao regime para a realização de eleições leais, não conseguindo por parte deste isenção, viu-se na contingência de ter, que desistir na véspera do acto eleitoral, para tal em muito contribuiu a mordaza salazarista e as medidas repressivas e violentas da censura e da PIDE, - conquanto a oposição se tenha reunido clandestinamente, na Vila de Fafe eram pontos de tertúlia, o *Café Central* de António Saldanha e a *Casa do Ribeiro* moradia do major Miguel Ferreira - , que perduraram após o acto eleitoral:

«Por esta ocasião- escreve Armando Bacelar(...) deslocava-me mensalmente para manter os contactos,(...) a todo o distrito de Braga. Lá tínhamos a receber-nos e a trocar impressões connosco Major Miguel Ferreira, o Dr. Osvaldo Matos e o Saldanha do Café, em Fafe(...).

*Registe-se que neste período agitado se realizou uma onda de prisões em Fafe, entre as quais as de Carlos Costa e Tarcísio de Sousa e muitos operários.*⁷

Deste modo, estavam abertas as portas da vitória ao marechal Carmona, que dentro deste clima obliterado, foi empossado para novo mandato, que durou até 1951, altura em que veio a falecer.

Refira-se que Portugal, neste período passou por várias carestias, quer a nível de produtos de primeira necessidade, como de outros essenciais, levando a uma série de conflitos que deflagraram em 1949, a que Vila de Fafe não ficou indiferente:

Em 1949, depois da guerra ter acabado, já não havia senhas de racionamento nos países que tinham estado em guerra e nós, que não tínhamos entrado, continuávamos a ter racionamento, mesmo de pão e farinha. O partido organizou uma manifestação na véspera do Carnaval, que partiu da Empresa de Fiação e Tecidos de Fafe, chamada Fábrica do Ferro. Tínhamos preparado dois cartazes, um dizia «queremos pão, temos fome» e o outro dizia «não admitimos que nos abatam á razão». Arranjamos um lenço preto da cabeça á saída do pessoal da tal empresa e seguimos

⁶ Ar. Cit.;

⁷ . Santos Simões, “Braga, Grito de Liberdade”,p.p.75-77;

para a vila. Á medida que íamos andando dizíamos que quem quisesse pão que viesse connosco e assim foi engrossando manifestação. Dirigimo-nos ao consultório do Dr. José Barros Vasconcelos, que era o presidente da Câmara. Ali, quando chegamos, já lá estavam duas praças da GNR para o proteger, como se nós fôssemos algumas feras. Ele disse para se constituir uma comissão e que iria com essa comissão a Braga, ao Governador Civil. Como lhe foi dito que não havia nenhuma comissão, que éramos todos da comissão, mandou-nos para o Dr. Brito, que era nessa altura o presidente da Comissão Reguladora, ou seja, o presidente do Grémio. O Dr. José disse a uma das praças da GNR que fosse dizer ao sargento o que se estava a passar. Nós não ouvimos dizer isso, mas o guarda disse-nos. Pouco depois de termos chegado á Secretaria Notarial (nessa altura o Dr. Brito era o notário e fazia o recenseamento «para distribuição de senhas») estavam lá o António Saldanha e o Albaninho do Ribeiro, os empregados disseram que o Dr. Brito não estava. Ora o Saldanha e o Albaninho fizeram-nos sinal que ele estava. Nós insistimos para que ele viesse á janela ou á escada e á força de insistir ele sempre veio com o charuto na boca. Logo o povo lhe disse«Tira o charuto da boca, malcriado. Nós queremos pão que temos fome». Outros diziam: «Amanhã é dia de Carnaval, mas nós não pedimos carne, pedimos pão». Entretanto chegou o sargento e todas as praças que havia no posto de Fafe e o sargento puxou da espada e começou á espadeirada, sem dizer nada. Claro que o povo não o recebeu bem, atiraram com o que tinham, paralelos, tairocas que as mulheres nesses tempos traziam nos pés, fizeram armas daquilo que encontraram. Daí a bocado fomos avisados que eles tinham pedido reforço para Braga e Guimarães. Quando chegaram já não havia nenhum dos manifestantes, já o sargento tinha levado uma chapada na cara. Houve mesmo um guarda que ficou sem a espingarda, mas depois atiraram-lhe com ela. Ao outro dia vieram os pides. Presos só foram três e julgados onze. Fomos absolvidos no Tribunal de Fafe.⁸

⁸ *Ibidem*, Relato de Luís Nogueira a J. Santos Silva, acerca do levantamento popular em Fafe em 1949, p.p. 61;

3- A Candidatura Presidencial do Marechal Carmona em Fafe.

Paralelamente às movimentações políticas da oposição, o regime, através da União Nacional, controlava o jogo político presidencial, mediante a criação de Comissões Concelhias da União Nacional, subordinadas á respectiva Comissão Distrital e explicitamente aglutinadas ao poder municipal.

Assim se encontra estabelecido no documento, com data de 18 de Dezembro de 1948, dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Fafe por parte da Comissão Distrital da União Nacional de Braga:

Acha-se designado o próximo dia 16 do corrente, pelas 18 horas, para a posse, nessa vila, da Comissão Concelhia da União Nacional, tendo esta Comissão Distrital o maior empenho em que esse acto seja realizado na Câmara Municipal.

Nessa conformidade, venho solicitar de V. Ex. a cedência de uma sala do edifício da Municipalidade para a realização da cerimónia, á qual muito grato nos seria que V. Ex. se dignasse dar-nos a honra da sua assistência.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Ex. os meus cumprimentos.

A bem da Nação

O Presidente da Comissão Distrital:

(Dr. Francisco de Araújo Malheiro⁹)

Já no ano anterior, os presidentes das Câmaras Municipais do Continente e Ilhas Adjacentes, receberam da Comissão Executiva da União Nacional (...) *o adjunto exemplar da lei n.º 2.015 de 28 de Maio de 1946, que regula as normas a observar no recenseamento eleitoral para a eleição do Presidente da República e Assembleia Nacional.*¹⁰

A primeira referência, á sessão de candidatura de propaganda eleitoral nacionalista em Fafe, data de 20 de Janeiro de 1949 , num artigo do jornal *O Desforço*, intitulado *Campanha Eleitoral* , nele lê-se:

Na quarta-feira 26 do corrente mês, realiza-se nesta vila a sessão de propaganda eleitoral nacionalista,- usando da palavra diversos oradores, cujos nomes ainda não conhecemos.

No mesmo jornal, sete dias depois, no artigo *A Candidatura Presidencial do Sr. Marechal Carmona em Fafe*, circunstancia-se:

Á hora em que este jornal está a ser impresso, (quarta-feira, 26, 14 horas) vai realizar-se no salão nobre da Câmara Municipal deste concelho, uma sessão de propaganda eleitoral nacionalista, promovida pela Comissão Concelhia da União Nacional e pela Câmara Municipal, a favor da

⁹ Arquivo Municipal de Fafe: Correspondência recebida (1948-49);

¹⁰ Idem;

candidatura Presidencial do Sr. Marechal Carmona – que é presidida pelo ilustre Governador Civil do Distrito de Braga Sr. Major Nery Teixeira.

Estão inscritos para falar, os seguintes oradores:

Dr. Augusto Cerqueira Gomes, deputado da Nação; dr. Cunha Matos, ex-presidente da Junta de Província do Minho; dr. Mário Norton, presidente da Câmara de Barcelos, dr. António da Cruz Vieira e Brito, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, e outros.

Na semana posterior, no dia 3 de Fevereiro de 1949, no mesmo jornal, deparamos com um artigo titulado *A Candidatura Presidencial do Sr. Marechal Carmona em Fafe*, que asseverava:

(...) realizou-se no salão nobre da Câmara Municipal de Fafe, uma entusiástica sessão de propaganda nacionalista, á qual assistiram centenas de pessoas.

Foi presidida pelo ilustre Governador Civil do Distrito Sr. Major Nery Teixeira, secretariado pelos Srs. Presidente da Câmara dr. José Barros, dr. Francisco M. Chaves, da Comissão Distrital da U.N., P.e Manuel Domingues Basto, arcepreste de Fafe e dr. Cunha de Matos, antigo presidente da Junta de Província.

Abriu a série de discursos, o sr. dr. António Brito, presidente da comissão concelhia da U.N., que saudou Portugal pela sua magnífica administração pública, digna, honesta, verificada depois do 28 de Maio, saudando também o Governo da Nação na pessoa do chefe do Distrito.

Seguiram-se-lhes os srs. Armando P. Bastos, dr. Cunha Matos e dr. Francisco Meireles, presidente da U.N de Celorico de Basto, que, como o primeiro, dissertaram sobre formas diversas, mas vantajosas á candidatura do Sr. Marechal Carmona.

O Sr. Governador Civil, fechando os discursos, concluiu o seu com estas palavras:

«Unamo-nos todos em volta dessa grande figura de português Sr. Marechal Carmona, que é o símbolo da Pátria, a garantia da continuidade da obra da reconstrução nacional e a certeza do prestígio internacional»

O discurso do sr. dr. António Brito, foi rematado com vivas a Carmona e a Portugal.

Assinados pelo Chefe do distrito, foram enviados telegramas aos Srs. Ministro da Guerra, Presidentes da República e Conselho, Ministro do Interior e Presidente da Comissão Executiva da U.N.

Todos oradores foram muito aplaudidos.

3- A Candidatura Presidencial do General Humberto Delgado em Fafe (1958);

A luta política desencadeada pelo movimento democrático de 1949, não se extinguiu logo após as eleições presidenciais. Embora, a acção repressiva iniciada pelo regime tenha sido implacável (...) *nunca a Oposição deixou de trabalhar, embora o fizesse em surdina e nas «catacumbas», como os primeiros cristãos, aproveitando todas*

*as oportunidades para se afirmar, como na Campanha do Almirante Quintão de Meireles, silenciada á nascença.*¹¹

Em Abril de 1958, é prestada uma assinalável homenagem ao major Miguel Ferreira, aquando do seu 80º. aniversário, (...) *presidida pelo Dr. Arlindo Vicente,(...), tendo-se associado individualidades de destaque em todo o país. Pela Casa do Ribeiro, em Antime, passaram personalidades políticas de nomeada(...).*¹²

Em 8 de Maio de 1958, o jornal *O Desforço*, assinalava o próximo acto eleitoral:

ELEIÇÕES PRESIDÊNCIAIS

*São três os candidatos à
Presidência da República.*

O Contra-almirante Américo Tomás, apresentado pela União Nacional.

O General Humberto Delgado, independente, que tem a adesão do Directório Democrático-Social.

O Dr. Arlindo Vicente, é o candidato à Presidência da República, apresentado pela Oposição Democrática.

.....

No dia 22 de Maio, o mesmo semanário, publicou um artigo em que afirma:

No próximo sábado dia 24, haverá no Tetro- Cinema de Fafe, uma sessão de propaganda eleitoral para a candidatura a Presidente da República do Sr. Dr. Arlindo Vicente, promovida por uma comissão de Fafe.

Presidirá o grande democrata sr. Major Miguel Ferreira.

¹¹ Maria Miquelina Summavielle, "Recordadndo", p.p.26;

¹² Ibidem, p.p. .97

No entanto, tal reunião dificilmente deve-se ter concretizado, como parece indiciar a seguinte circular:

Para conhecimento de V. Ex.^a. e devidos efeitos a seguir transcrevo a circular n.º.5 527/58-E, de ontem, recebida neste Governo Civil da Inspeção dos Espectáculos:

“Com vista á próxima campanha eleitoral, rogo a V. Ex.^a. que se digne a chamar a atenção dos Delegados concelhios para o disposto no artigo 13.º. Do Decreto- Lei n.º. 39 683, de 31 de Maio de 1954, que não permite nos Teatros e Cinemas actividades estranhas á sua exploração, sem prévia autorização do Governo.

*De acordo, pois, com essa disposição, não devem as respectivas Empresas ceder as suas casas sem que haja obtido a referida autorização”.*¹³

De facto no, *Livro de Correspondência Recebida- Recenseamento Eleitoral de 1958*, da Câmara Municipal não se encontra o deferimento da reunião em causa.

*No entanto, muito cedo se desenhou a verdadeira luta posta a nu nesta eleição- a da mudança de regime, a do fim do consulado de trinta anos e dois anos de Salazar. E pela primeira vez surgiu na oposição uma pessoa capaz de unir todos os que desejavam o afastamento de Salazar(...)- Humberto Delgado.*¹⁴

Num artigo do semanário *O Desforço*, de 29 de Maio de 1958, intitulado *Eleições*, assinado por Carlos Riobom, deparamos com um excelente retrato de uma época, que possivelmente escapou á censura, (...) *mercê das condições locais que na província por vezes se sobrepõem a normas de âmbito nacional.*¹⁵

¹³ Arquivo Municipal de Fafe: Circulares do Governo Civil (Recebidas);

¹⁴ Iva Delgado, “Braga Cidade Proibida- Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958”,p.p.11;

¹⁵ Ibidem, p.p.95

“ELEIÇÕES”

Por CARLOS DE RIOBOM

DA forma delirante como o povo tem aclamado os candidatos opositoristas, pode-se extrair valiosos conceitos: que a nação está sob o ponto de vista ideológico profundamente dividida — que a maioria ama a Liberdade e a República.

Ora como uma Pátria é constituída por todos os cidadãos, sejam quais forem as suas crenças, as suas opiniões políticas — é justo, humano, que todos dentro dela tenham os mesmos deveres e os **MESMOS DIREITOS**: liberdade de expressão, crítica e reunião.

Não, de facto não se compreende que uma minoria disponha de todos os poderes — que o resto dos portugueses sejam coagidos a «pensar baixo», a não poderem discutir livremente os actos dum governo, tudo quanto diga respeito aos destinos duma Pátria que é também a sua — **DE TODOS EM GERAL!**

O presidente de certo município não tendo em linha de conta a opinião da cidade que numa grandiosa, espontânea manifestação aclamou a Democracia, azedamente proclamou numa sessão da mesma edilidade — ser tenazmente contrário a essa mesma Democracia. Esqueceu-se lamentavelmente que a cidade, o município, é do Povo; que até na Idade Média por alforria concedida pelos reis, os próprios fidalgos nela não podiam demorar-se mais de 24 horas.

Esqueceu-se que até o Snr. Presidente do Conselho na sua conferência «Educação da Mocidade» pronunciada em Agosto de 1910, nas vésperas da queda da monarquia, afirmou que a juventude sempre se deveria guiar pelo «amor a Deus, ao próximo, à família, à honra, à dignidade, à liberdade, ao trabalho e à verdade».

LIBERDADE não significa licenciosidade — mas sim respeito pelas opiniões alheias, pelos direitos de todos sem excepção.

Desordem, anarquia, ninguém a quer; ninguém a deseja.

Ordem sem liberdade há na Hungria e na Rússia. Por isso mesmo o Ocidente as classifica de ferozes ditaduras...

Só quer a violência quem nunca a sofreu ou é incapaz de a sofrer.

PARA terminar, uma nota emotiva: há dias um amigo meu, fervoroso partidário da actual situação, entrou em determinada livraria de Matosinhos. Surgiu então um pobre diabo quase anão, com todo o aspecto de quem pretendia uma esmola. Logo o dono do estabelecimento se esquivou alegando maus negócios!

— «Não, não é isso!» — atalhou o intruso — «É que me disseram que o Snr. distribua fotografias do general Humberto Delgado, e eu vinha pedir-lhe o favor de me dar uma...»

A 14 de Maio de 1958, o *general Sem Medo*, é recebido por uma multidão em apoteose na baixa portuense, somente através de comunicados officiosos é que tais factos foram referidos, o medo de irradiação, que o governo tanto temia era imenso.

Temendo que em Braga, onde ambiente fervia, se repetisse a avalanche de povo que enchera o Porto, o Governo de Salazar preferiu não ceder terreno(...),¹⁶ tendo Humberto Delgado na semana anterior que deveria ter ido a Braga, visitado Chaves, Amarante, Vila Real, Murça, Vinhais e Bragança, isto no dia 22 de Maio, a 23 esteve em Macedo de Cavaleiros, Lamego, Régua e Viseu, tendo no dia seguinte regressado a Lisboa por razões de segurança.

Segundo a Dr.^a Maria Miquelina Summavielle:

Fafe, esperava-o, de braços abertos, com as varandas engalanadas e população na rua.... Todos o esperavam para o vitoriar!...

Era em casa do Dr. Alexandre de Freitas Ribeiro que ia ser recebido.

Correu célere a notícia que o General não chegaria, tinham-no obrigado violentamente a desistir da Campanha!...

No largo da nossa Vila, o povo revoltava-se, sentindo sobre si toda a violência exercida sobre o seu candidato... Alexandre de Freitas Ribeiro, acompanhado dos outros membros da comissão eleitoral, desceu á praça, percorrendo as ruas, acalmando os ânimos, impedindo os confrontos populacionais com a polícia, protegendo o povo, que ele próprio tinha convocado para receber o General...

Nunca a figura do Jovem Advogado Fafense nos pareceu tão grandiosa e tão bela!...

*Nessa tarde de sol, do dia 1 de Junho de 1958, Alexandre de Freitas Ribeiro entrou na História de Portugal!...*¹⁷

Em Fafe, a máquina repressiva salazarista, não silenciou a determinação democrática de António Augusto da Silva Saldanha, que teve a coragem de pedir (...) *licença para colocar na sua porta um quadro com a figura do Sr. Dr. Arlindo Vicente,¹⁸ nem do Dr. Alexandre de Freitas Ribeiro que solicitou (...) autorização para afixar e distribuir impressos de propaganda do candidato á Presidência da República*

¹⁶ Op. Cit.;

¹⁷ Maria Miquelina Summavielle, “Recordando”, p.p.26-27;

¹⁸ Câmara Municipal de Fafe: “Livro de Registo de Requerimento 1958-59 N.º.1”;

do Exm^o. Sr. General Humberto Delgado¹⁹, verdadeiros homens do *antes quebrar que torcer*.

Na noite de 2 de Junho de 1958, realizou-se no Teatro Cinema da Vila de Fafe, uma reunião da candidatura oposicionista, pois o Governo Civil do Distrito de Braga *deferiu o requerimento para a realização de uma sessão de propaganda da Candidatura do General Humberto Delgado(...)*²⁰.

O jornal , *O Desforço* de 4 de Junho de 1958 assegura:

A casa estava completamente á cunha, tendo ficado muitas pessoas de pé e outras sem bilhete.

A Sessão decorreu com muito entusiasmo e na melhor ordem.

Entre a numerosa assistência viam-se muitas senhoras desta vila e de fora.

Dos camarotes pendiam bandeiras portuguesas e colgaduras. No palco viam-se duas grandes fotografias do sr. General Humberto Delgado, e, juntos á ribalta, três grandes dísticos.

Liberdade – Pátria - Democracia.

Presidiu á Sessão, o sr. Cor. Hélder Ribeiro, que estava ladeado pelos srs. Major Miguel Ferreira, Dr.^a D. Maria Miquelina de Matos Summavielle, Dr. Alexandre de Freitas Ribeiro, Dr. José Maria de C. Soares, Dr. Adelino Pinto Bastos e Eng. Fernando Summavielle Soares.

Ao abrir a Sessão, o povo, de pé cantou «A Portuguesa», levantando vivas á Pátria, á República, á Democracia e ao General Humberto Delgado.

Abriu os discursos s sr. Coronel Hélder Ribeiro, que saudou entusiasticamente o povo de Fafe, que representa o povo do Minho, exaltou a dignidade do snr. General Humberto Delgado seu aluno na Escola de Guerra e da geração nova.

Intervieram ainda o Dr. Carlos Brandão, o Dr. Artur Santos Silva e o Dr. António Ramos respectivamente:

¹⁹ Idem;

²⁰ Arquivo Municipal de Fafe: “Livro de Correspondência Recebida- Recenseamento Eleitoral N.º 3;

(...) o snr. Dr. Carlos Brandão, que saudou o povo que ali se encontrava presente, saudou o snr. Presidente Coronel Hélder Ribeiro pelo seu vibrante discurso, referiu-se ao momento político e exortou o seu direito de voto-

O orador seguinte foi o snr. Dr. Artur Santos Silva, que fez o elogio pessoal do snr. Coronel Hélder, a sua heroicidade nos campos da Flandres onde se bateu pela Liberdade quando esteve preso em Timor.

Saudou o snr. Dr. Carlos Brandão e o povo de Fafe.

Fez uma apreciação irónica á obra financeira do Estado Novo.

Falou depois o snr. Dr. António Ramos de Almeida que saudou o snr. Presidente, a snr.^a Dr.^a Maria Miquelina de Matos Summavielle, o snr. Major Miguel Ferreira, o povo de Fafe, depois disse que trazia uma mensagem pessoal de saudade do snr. General Humberto Delgado, a todo o povo de Fafe, salientando uma vez mais, que o Candidato Independente tinha sacrificado as suas estrelas pela liberdade de todos os portugueses! Antes de soar a mera norte e para encerrar a Sessão, o snr. Coronel Hélder Ribeiro saudou na pessoa da snr.^a Dr.^a Maria Miquelina, todas as senhoras de Fafe e disse que se devia fazer fogo duro mas sem injúrias e pediu a todos que cumprissem, o seu dever votando nas próximas eleições presidenciais e se apresentassem para ver se sim ou não tinham voto.

O povo levantou-se erguendo vivas á República, á Pátria, á Democracia, á Liberdade e ao General Humberto Delgado e de novo cantou o Hino Nacional, retirando-se na maior ordem possível e sem qualquer incidente.

Pela snr.^a Dr.^a Maria Miquelina de Matos Summavielle, foi oferecido ao snr. Coronel Hélder Ribeiro um ramo de cravos brancos, em nome das senhoras da Oposição Democrática de Fafe.

Também no dia 1, foi oferecido ao snr. General Humberto Delgado, em nome das Senhoras da Oposição Democrática de Fafe um ramo de cravos vermelhos que seguiu de avião para Lisboa.

4- Análise dos Resultados do Acto Eleitoral de 8 de Junho de 1958 na Vila de Fafe;

No Arquivo Civil de Braga, encontram-se as actas de apuramento dos resultados eleitorais das Eleições Presidenciais de 1958 da Vila de Fafe, nelas estão assinalados o número de inscritos, o número de votantes e os votos atribuídos a cada candidato:

Lista A (Américo Tomás) e **Lista B** (Humberto Delgado).

Mediante a repressão, a censura e o medo e (...) *Apesar do ambiente de grande agitação que rodeou a campanha a nítido desfavor em relação á candidatura do governo, a teoria da vitória do governo por «grande maioria custe o que custar» prevaleceu*²¹, além de que nos escrutínios salazaristas havia uma percentagem de votos previamente assentes que tinham que ser executados.

Uma vez mais, estavam abertas as portas da vitória ao candidato situacionista, através de procedimentos sombrios, daí boa parte dos resultados obtidos na Vila de Fafe em 1958, a seguir transcritos no **Quadro 1**.

Saliente-se antes, que apesar de várias diligências efectuadas não foi possível apurar o resultado das freguesias de Aboim, Agrela, Felgueiras, Gontim e Vinhós, pois estas não faziam parte do acervo referente ás eleições presidenciais de 1958 na Vila de Fafe²² (!?), note-se ainda que nas actas relativas ás freguesia de Pedraído, Quinchães e Ribeiros, não foram mencionados o n.º. de inscritos(!?)²³, facto que por si só demonstra o modo como decorreram estas eleições.

²¹ Iva Delgado, “Braga Cidade Proibida- Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958”, p.p.95

²² As freguesias da antiga Vila de Fafe, que não fazem parte do acervo documental do Arquivo Civil estão assinaladas no **Quadro 1** com o sinal ---

²³ Este caso está assinalado no **Quadro 1** com o símbolo *

Quadro 1- Resultados do Acto Eleitoral de 8 de Junho de 1958 na Vila de Fafe

Freguesias	N.º- de inscritos	N.º- de votantes	Lista A Américo Tomás	%	Lista B Humberto Delgado	%
Aboim	----	---	---	---	---	---
Agrela	---	---	---	---	---	---
Antime	200	169	135	80	34	20
Ardegão	114	113	110	97	3	3
Armil	165	129	104	81	25	19
Arnozela	87	77	73	80	4	20
Cepães	173	160	146	91	14	9
Estorãos	173	160	140	87	20	13
Fafe	1208	887	719	81	168	19
Fareja	55	50	32	64	18	36
Felgueiras	---	---	---	---	---	---
Fornelos	116	116	69	59	47	41
Freitas	176	176	174	99	2	1
Golães	316	234	172	73	62	27
Gontim	---	---	---	---	---	---
Medelo	133	102	80	78	22	22
Monte	163	163	163	100	0	0
Moreira de Rei	376	291	272	93	19	7
Paços	120	113	86	76	27	24
Pedraído	*	274	230	84	44	16
Queimadela	220	186	177	95	9	5
Quinchães	*	---	---	---	---	---
Regadas	179	164	151	92	13	8
Revelhe	240	215	197	91	18	9
Ribeiros	*	129	120	93	9	7
S. Clemente de Silvares	78	62	53	85	9	15
S. Gens	643	525	474	90	51	10
S. Martinho de Sivares	237	203	175	86	26	14
S. Romão e Stª. Cristina de Arões	270	230	150	65	79	35
Seidões	125	115	112	97	3	3
Serafão	253	189	160	84	29	16
Travassós	322	308	302	98	6	2
Várzea Cova	97	84	58	69	26	31
Vila Cova	142	124	112	90	12	10
Vinhós	---	---	---	---	---	---
TOTAIS	6381	5748	4946		799	

Nas actas de apuramento do acto eleitoral de 8 de Junho de 1958 da Vila de Fafe, foi ainda possível descortinar as seguintes notas de ocorrência:

◆ Ardegão

Nada mais houve digno de menção a não ser a boa ordem com que decorreu este acto eleitoral.

◆ Arnozela

O acto eleitoral decorreu com o maior civismo e boa ordem, sob grande interesse do eleitorado. Assistiram ás operações eleitorais, elementos da opposição.

◆ Cepães

O acto eleitoral nesta freguesia foi e decorreu com o maior civismo e o maior respeito ao acto inerente.

◆ Fareja

Pelo eleitor João Francisco Novais da Silva foi requerida uma certidão da contagem do n.º de votantes e bem do n.º de cada uma das listas submetidas ao sufrágio e aos votos de cada um dos candidatos, cujo requerimento junto devidamente referido. O acto eleitoral decorreu com o maior civismo e educação.

◆ Freitas

(...) esta eleição, decorreu com toda a ordem, não se tendo dado facto algum de menção.

◆ Golães

Nesta assembleia compareceu Carlos Novais, casado, comerciante da R. José Ribeiro Vieira de Castro, da Vila de Fafe, com credencial assinada por Alfredo da Silva Montes, comerciante, da rua Caires Silva da cidade de Braga como procurador do candidato á Presidência da República, o senhor General Humberto da Silva Delgado que fiscalizou rigorosamente todos os actos desta Assembleia.

◆ Medelo

Foi pedida certidão da contagem do n.º de votantes e bem assim do n.º de cada uma das listas submetidas ao sufrágio e o dos votos de cada candidato, requerimento que foi deferido.

Saliente-se, que no decorrer dos trabalhos desta Assembleia, foram apresentados protestos e contraprotostos cujos primeiros signatários foram: *José Maria Campos Soares e Joaquim de Freitas.*

◆ Monte

Para fiscalizar esta Assembleia por parte da oposição, apresentaram-se os Srs. José Angelo Teixeira Basto, comerciante e Manuel Guedes, industrial, ambos residentes na vila de Fafe que a certa altura a abandonaram livremente e nem sequer usaram do seu direito de voto.

◆ Paços

A Assembleia, apesar de muito concorrida, decorreu ordeiramente e com civismo.

◆ Regadas

Compareceram nesta Assembleia um grande n.º de eleitores a solicitar o direito de voto, o qual lhes foi negado em face da mesa verificar que os referidos eleitores não se encontravam inscritos nos respectivos cadernos de recenseamento. A assembleia decorreu no melhor ambiente de fé nacionalista e melhor ordem.

◆ Revelhe

O acto eleitoral decorreu com toda a ordem e dignidade tendo assistido os eleitores senhores Armindo Pinto e José Ricardo Peixoto, como representantes da oposição, que assinam (...).

◆ Seidões

O acto eleitoral decorreu na melhor ordem tendo sido facilitado ao fiscal da oposição exercer a sua fiscalização no decorrer de todo o acto eleitoral(...).

◆ Serafão

Tudo se verificou na melhor ordem não havendo qualquer nota digna de menção, sendo certo que a toda a eleição assistiu o fiscal da oposição Renato de Araújo Guimarães e Matos, que também votou, para o que apresentou a competente certidão de eleitor.

◆ Travassós

A fiscalização não compareceu.

É assim, que dentro deste sistema irrefutável, foi considerada em todas as mesas eleitorais, eleita a Lista A e o respectivo candidato o Contra- Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, que na Vila de Fafe, obteve oficiosamente 86% das intenções de votos contra 14% do candidato da Lista B, General Humberto da Silva Delgado.

Num universo ambíguo de 6381 eleitores inscritos para as Eleições Presidenciais de 1958 na Vila de Fafe, exerceram o seu direito de voto no dia 8 de Junho 5748 eleitores, tendo 4946 desses votos recaído sobre o candidato situacionista **Lista A** e 799 votos sobre o candidato oposicionista **Lista B**, não existindo em nenhuma mesa eleitoral votos brancos e nulos, logo, a soma dos valores de cada lista deveria corresponder a 5748 votos, porém corresponde a 5745 votos(!?); ademais, como mencionei anteriormente nas actas das freguesias de Pedraído, Quinchães e Ribeiros, não foram mencionados o n.º. de pessoas inscritas(!?).

Muito destes resultados são obviamente artificiais, e fruto de um *sistema de fraude, que começava no recenseamento eleitoral, nas dificuldades levantadas para cópia dos cadernos eleitorais, passava pelo controlo da imprensa, pela repressão e intimidação dos apoiantes das candidaturas.*²⁴

Quando os escrutinadores designados pelo Regime dispõem cabalmente das urnas, o resultado do candidato situacionista é esmagador, por exemplo, na freguesia do Monte a Lista A obteve 100% dos votos.

O caso de Travassós é similar , a fiscalização *não compareceu*, e o resultado é de 302 votos para Américo Tomás e 6 para o General Humberto Delgado. Estavam inscritos 322 eleitores, votaram 308.

²⁴ Iva Delgado, “Braga Cidade Proibida- Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958”, p.p.14

Em Regadas, a disparidade é de 151 (**Lista A**) para 13 (**Lista B**), num universo eleitoral de 179 pessoas . A nota de ocorrência é reveladora de tal êxito:

Compareceram nesta Assembleia um grande n.º de eleitores a solicitar o direito de voto, o qual lhes foi negado em face da mesa verificar que os referidos eleitores não se encontravam inscritos nos respectivos cadernos de recenseamento. A assembleia decorreu no melhor ambiente de fé nacionalista e melhor ordem.(sic).

Foi através desta opaca estrutura de fraudulência, que muitos dos resultados da Vila de Fafe foram compostos, *não sendo ainda hoje possível apurar os resultados reais dado o elaborado mecanismo de fraude usado pelo regime*²⁵.

²⁵ Ibidem, p.p.21;

BIBLIOGRAFIA

- 1- COIMBRA, Artur Ferreira
Fafe: A Terra e a Memória, 1ª.Ed., Câmara Municipal de Fafe, Fafe, 1997,449 p.p.,

 - 2- DELGADO, Iva
Braga Cidade Proibida- Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958, 1ª. Ed., Governo Civil de Braga, Braga, 1998, 154 p.p.,

 - 3- SIMÕES, J. Santos
Braga, Grito de Liberdade- História possível de meio século de resistência, 1ª. Ed., Governo Civil de Braga, Braga, 1999, 257 p.p.,

 - 4- *Jornal O Desforço*:

1949- Nº- 2844; 2848; 2845;2846; 2847;
1958- Nº- 3299; 3300; 3303; 3304; 3308;3313;

 - 5- Arquivo Municipal de Fafe:
 - a) Correspondência recebida –1948/49;
 - b) Circulares do Governo Civil (Recebidas)- 1949 e 1958;
 - c) Livro de Registo de Requerimentos (Nº. 1)-1958/59;
 - d) Livro de Correspondência Recebida: Recenseamento Eleitoral (Nº.3)- 1955-59;

 - 6- Arquivo Civil de Braga:
 - a) Actas de apuramento do acto eleitoral de 8 de Junho de 1958 no distrito de Braga;
-